

RESENHAS

MARANHÃO Fo, Eduardo Meinberg de Albuquerque. *Religiões e Religiosidades no (do) Ciberespaço*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. 326p. 978-85-66480-68-9

Recebido em 04/08/2014 - Aprovado em 27/08/2014

Anna Maria Salustiano¹

Na obra intitulada *Religiões e Religiosidades no (do) Ciberespaço*, o doutorando em História Social na Universidade de São Paulo (USP), Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho, faz uma compilação de diversos textos que tratam do imbricamento das religiões com os espaços tecnológicos e o quanto o campo vem ganhando importância para a disseminação e promoção da mensagem religiosa. Hoje o sagrado necessita também estar inserido nesse “novo” campo para continuar produzindo sentido, atraindo novos fiéis e continuar sobrevivendo.

O primeiro capítulo da obra, do próprio organizador, trata da Bola de Neve Church, igreja que se enquadra na vertente neopentecostal e que se apropria de forma eficiente dos recursos tecnológicos para levar sua mensagem adiante através de cultos ao vivo *online* diretos de sua sede, além do eficaz posicionamento que ela tem frente às redes sociais.

Até as instituições mais resistentes à mudança ocasionada, sobretudo pelas características de consumo, e presentes na sociedade têm algum portal na internet, por exemplo a Igreja Pentecostal Deus é Amor, a exemplo do que diz Maranhão Fo: “para Deus se fazer (re)conhecido, deve contar com a mediação das ondas difusoras do ciberespaço”, que entende que se pode ampliar o conceito de igrejas eletrônicas para o de igrejas *cibernéticas*.

O ciberespaço é trazido como forma eficaz encontrada pelas agências, grupos, sujeitos de se divulgarem e compartilharem experiências. Inseridos em rede, os sujeitos religiosos ou não, se entrelaçam em meios que são parte humanos, parte máquinas, o que segundo Kunzru (2013) são redes híbridas, os ciborgues, que “não se limitam a estar à nossa volta – eles nos incorporam”, pontuando: “se as mulheres (e os homens) não são naturais, mas construídos, tal como um ciborgue, então, dados os instrumentos adequados, todos nós podemos ser reconstruídos” (KUNZRU, *apud* MARANHÃO Fo, 2013, pp. 24-25).

¹ Mestranda em Comunicação no PPGCOM/UFPE. Email: annasalustiano@gmail.com

Ao longo de seu texto Eduardo Meinberg Maranhão F^o trata da dificuldade de se traçar limites entre vivenciar o sagrado presente fisicamente nas instituições e nas redes ou a partir de cultos vistos de casa, porque o fato do indivíduo acompanhar “de fora” o que está sendo feito pela instituição não diminui o tamanho da fé. Discussão essa que ganha respaldo na forma privada em que as pessoas vivenciam determinados processos, inclusive o religioso. É comum ver o indivíduo no quarto com um computador ligado e sintonizado em canal evangélico, ou ouvindo música gospel, é comum ainda, esse mesmo indivíduo buscar novos trejeitos de estar engajado com a fé, seja através do uso de cartas, tarologia, quiromancia, medicinas alternativas, o que remonta a ideia de que não é só necessário crer, mas sentir, experimentar e as formas de interação trazidas pelo autor, reforçam o compromisso que as religiões têm em se reinventar e se adequar ao que o mercado traz, tendo em vista que as igrejas são constituídas enquanto “empresas” e para se manter com as pernas firmes precisam se predispor a atender o que o fiel/consumidor necessita.

O indivíduo religioso moderno do mesmo jeito que pode utilizar o ciberespaço para propagar ideias coerentes com o que a instituição quer ouvir, pode também se comportar elaborando contra-discursos às autoridades da “seita”, destacando nesse espaço a polissemia, se bem que essa voz contrária tem mais dificuldade de encontrar brecha, porque na maior parte das vezes, os moderadores dos grupos não a deixam ter eco.

Na tentativa de conceituar o que é ciberespaço, as ideias de Pierry Levy são trazidas no capítulo seguinte. O *ciber* aparece como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores. Esse novo meio coloca a sinergia e interfaceia os dispositivos de criação de informação e de simulação. O que notamos é que essas desconexões são análogas, que fornecem a segurança necessária para aquelas atitudes despreocupadas com a moralidade da vida real. São mundos estruturalmente desencaixados, o espiritual do material e o *offline* do *online*, e a ação produzida num canto não tem consequência no outro.

A fragmentação do sujeito ganha dimensão no ciberespaço em função dos diversos recursos interacionais, quando esses recursos possibilita inúmeras identidades. O ciberespaço é o lugar onde o indivíduo atual toma posse de novos poderes, de novas formas de autonomias, de liberdades.

Dessa maneira vão se costurando o imbricamento existente entre a religião na modernidade e a indissolúvel ligação com os meios tecnológicos. Exemplos vão sendo dados nos demais capítulos de forma a se vivenciar o sagrado virtualmente, maneira que vem ganhando sustentação diariamente. A internet é o local que o indivíduo é ouvido e visto, e é apontado ainda como local que gera legitimidade e plausibilidade. No meio em que as religiões se reinventam, renascem, a tecnologia torna-se um meio de salvação, para STAHL, 2002, p.6.

Mais adiante, no capítulo que recebe como título *A Ciber-Religião: a midiaticização do sagrado e a sacralização da mídia*, o pesquisador Jorge Miklos, pontua que as relações são pautadas pelas tecnologias e são justificativas da conversão. As igrejas passaram a utilizar a mídia eletrônica, como estratégia de proselitismo, pelo fascínio que a técnica exerce

sobre a cultura. As igrejas procuram utilizar os meios de comunicação eletrônicos em favor da fé e aliar o digital e o espiritual em busca de espaços nos quais as expressões não atuem apenas no campo simbólico e ritualístico materiais, como nas igrejas, como poderoso coadjuvante no dia a dia do crente, atuando como conforto nas horas em que não se pode vivenciar um contato concreto.

Caminhando para expansão do uso dos meios de comunicação, na década de 90, dois fenômenos aparecem entrelaçados, o crescimento das igrejas evangélicas, e o empenho em comprar espaços nos canais de TV e emissoras de rádio. O que fica claro é o espaço que as religiões buscam no meio midiático, optando muitas vezes pela propagação de meios interativos, por exemplo, as velas e os terços virtuais que obedecem à lógica do consumo, orientada pelos desejos dos indivíduos consumistas, e a lógica da relação de produção de sentidos.

Se na modernidade sobressaem o desejo e a diversidade estimulados pelo consumo de imagens, a mídia é o território virtual da construção desse parâmetro coletivo de sentido. Portanto, há um deslocamento do termo *religare* para o culto da técnica e do mercado. O corpo padece e é substituído pelos sentidos visuais e auditivos, o tato é abolido pela imagem. A religião mediatiza-se, a técnica é sacralizada.

Depois, no capítulo sete, o cemitério virtual e os rituais post-mortem são temas da discussão. Se apropriando com eficiência do que a tecnologia pode oferecer, os rituais religiosos parecem inventar maneiras diferentes, quase que diariamente, para ser inserido em rede com as “armas” mais apropriadas. Determinadas práticas, como o cemitério virtual, parecia longe da nossa imaginação, até vermos como é a qualidade das coisas feitas e pensadas para tela.

Das mensagens, às velas, são artifícios tão bem bolados, que o internauta tem a leve sensação de estar num ambiente que também é físico. Os mais recatados, escrevem e enviam mensagens ao entes que partiram e o conteúdo fica disponível para outras pessoas. Segundo a autora, os rituais post-mortem implica em práticas individualizadas, introspectivas o que constitui novas formas de lidar com a perda no mundo virtual.

Inseridos no sistema baseado no lucro, as velas, as flores, são mecanismos virtuais pagos, ou seja, os cemitérios tornaram-se também mercados lucrativos, de modo que a morte e os mortos podem propiciar retorno financeiro de diversos ramos. Nas datas especiais, os cemitérios virtuais bem como os físicos, recebem uma grande quantidade de visitantes, fazendo com que diversos memoriais fiquem enfeitados e coloridos como nas sepulturas reais.

Em seguida, no capítulo chamado *E quando Deus vira Google? O adolescente e sua percepção sobre Deus no facebook*, o leitor descobrirá as novas maneiras que grande parte dos adolescentes vivencia a fé, novamente contando com a interreferência dos aparatos tecnológicos. Diferente do passado, a imagem de Deus não é construída dentro do ambiente familiar, que hoje, está desconectado. A falta de diálogo ocasionada por essas rupturas faz o jovem buscar respostas nas redes de relacionamento já que está livre para divulgar seus pensamentos, angústias e crenças. A figura de Deus está perdendo a popularidade entre os adolescentes, por não ser visível, por não oferecer respostas

instantâneas quanto ao Google e por não possibilitar ao adolescente possibilidade de vida eterna na terra.

As brechas deixadas pela fluidez dos relacionamentos tentam ser supridas em frente a uma tela, muitas vezes com desconhecidos compartilhando informações que antes era papel do núcleo de força estruturado em torno de uma família, nos tempos atuais, um dos responsáveis em preencher as lacunas é a chamada mídia, nas suas diversas esferas.

Caminhando em direção ao fim do livro, os autores Stewart M. Hoover e Nabil Echchaibi demonstram o quanto as tradições se misturam com o novo, os hibridismos, o pós-moderno, que juntos, fazem com que a religião se torne cada vez mais online. Segundo Hoover e Echchaibi, podemos analisar caminhos que a linguagem e a estética da religião são reposicionadas nas formações do conhecimento. O exemplo deste projeto, como a intervenção da prática social, em alguns espaços talvez signifiquem a expressão que o antropólogo James Holston descreveu no contexto no planejamento das cidades como culturas “insurgentes”, quando imaginou alternativas de estratégias urbanísticas para confrontar à segregação econômica. Os autores apontam ainda seu olhar sobre a religião digital como algo que nutre esperança na centralidade da marginalidade nos lugares que produzem e não produzem cultura.

No último capítulo do livro, a propagação da fé através do e-mail numa visão da mística e do sagrado, o autor Valter Luis de Avellar trata a espiritualidade como uma questão profunda de cada ser e o processo é vivenciado de forma subjetiva a depender de cada sujeito. O misticismo, na visão do autor que utiliza outros para respaldar o conceito, abrange fenômenos que estão presentes em diversas religiões e em várias formas de união com Deus. Dois caminhos são apontados para análise, o primeiro é a análise psicológica dos estados místicos e os relatos de quem os vivencia.

O autor faz uma ligação do místico com o recebimento do e-mail, no despertar para o sagrado, quando ele é tocado no mais profundo do seu ser pela assimilação do conteúdo numa espécie de despertar o interior. Nesse meio ainda particulariza a ação da internet, caracterizada pela interatividade, e que faz com que o indivíduo entre na grande rede e interaja de qualquer lugar que ele esteja.

Ao mesmo tempo em que integra, une quem tem internet, exclui a parcela da população que ainda não usufrui da rede. O que se tira de conclusão nesta discussão é que um internauta pode despertar para o sagrado quando lê na sua caixa de entrada uma mensagem de cunho espiritualista. Por vivenciar uma experiência mística, ele tem a possibilidade de passar a mensagem a outros na internet, o que possibilita a conexão de indivíduos em comunhão afetiva, de laços de amor e da amizade humanos, que se desdobra no real e se transfere ao virtual.

Com isso, fica claro que o indivíduo busca em outros meios (com destaque para o e-mail, neste caso) propagar a fé, fator que proporciona uma comunhão de pensamentos em rede, estando, portanto, estabelecido um diálogo, o que pressupõe entendimento entre os grupos que compartilham de interesses parecidos.

A obra apresenta diversos textos sobre a religiosidade na rede, característica que até bem pouco tempo era difícil de ser imaginada. Hoje, as estruturas que se consolidam

nos meios são tão bem organizadas que conseguem muitas vezes, fazer com que o indivíduo se sinta atendido pela religiosidade. A fé adquiriu novos ares e está presente no meio virtual, não estando por isso, menos exigente para ser vivenciada. Nos moldes tecnológicos, para se ter fé, o sujeito necessita demonstrar, experimentar, curtir e compartilhar com outros indivíduos conectados. A religião prova que está viva e pulsa como jamais vimos em outros momentos da história da humanidade.